

ATAS II ENCONTRO DE **HISTÓRIA DE LOULÉ**



ARQUIVO
MUNICIPAL
DE LOULÉ

ATAS
II ENCONTRO DE
**HISTÓRIA
DE LOULÉ**

31 AGO E 01 SET 2018

CÂMARA MUNICIPAL DE LOULÉ
ARQUIVO MUNICIPAL
2019

FICHA TÉCNICA

Título: Atas do II Encontro de História de Loulé

Coordenação: Nelson Vaquinhas

Autores:

Aurízia Anica

Filipa Ribeiro da Silva

Gonçalo Melo da Silva

Hélder Carvalhal

Iria Gonçalves

João Cosme

João de Figueiroa-Rego

João Pedro Bernardes

Joaquim Manuel Vieira Rodrigues

Manuel Pedro Ferreira

Maria Filomena Lopes de Barros

Mário Cunha

Patrícia Alexandra Rodrigues Monteiro

Patrícia Costa

Paulo Batista

Pedro Pinto

Rute Xavier Guerreiro

Zuelma Chaves

Paginação: Iconik

Capa: Susana Leal

Imagem da capa: Frontal de altar da Igreja da Misericórdia de Loulé

Imagem da contracapa: Breviário notado. Encadernação das atas de vereação da Câmara Municipal de Loulé, liv. 47.

Edição: Câmara Municipal de Loulé - Arquivo Municipal

Local de edição: Loulé

Data de edição: 2019

Tiragem: 300 exemplares

Impressão: Rainho & Neves

ISBN: 978-989-8978-03-5

Depósito legal: 457611/19

Os textos publicados são da inteira responsabilidade dos seus autores.

ÍNDICE

CONFERÊNCIA INAUGURAL

- O repouso nocturno em Loulé Medieval: que possibilidades de conforto?
Iria Gonçalves

7

CIVILIZAÇÕES E CONFLITOS

- A produção de ânforas no território de Loulé em Época Romana
João Pedro Bernardes

39

- O Islão do rei*: as propriedades dizimadoras dos muçulmanos de Loulé (séculos XIII-XVI)
Maria Filomena Lopes de Barros

55

- Quando a vila está longe da batalha: Loulé e a Guerra (1369-1411)
Gonçalo Melo da Silva

71

SOCIEDADE, ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO

- Administração e procedimentos nos Livros de Receita e Despesa de Loulé (século XVIII)
Patrícia Costa

89

- Ocupações, sectores económicos e relações laborais em Loulé nos meados do século XVIII: novas interpretações no âmbito da História Global do Trabalho
Hélder Carvalhal, Filipa Ribeiro da Silva

107

- Loulé, o Reino do Algarve e uma certa necessidade de afirmação social (séculos XVI-XVIII)
João de Figueiroa-Rego

127

SOCIEDADE E DEMOGRAFIA

- Atentados contra o pudor na Comarca de Loulé de Oitocentos
Aurízia Anica

147

A mortalidade na freguesia de S. Clemente de Loulé (1848-1900)
João Cosme

169

Os militares do concelho de Loulé nos campos de prisioneiros
alemães na I Guerra Mundial
Joaquim Manuel Vieira Rodrigues

187

ESPÓLIO ARQUIVÍSTICO E FOTOGRÁFICO

Fragmentos do passado: capas de pergaminhos portugueses
reutilizados no Arquivo Municipal de Loulé
Pedro Pinto

211

Fragmentos sonoros em Loulé: vestígios de vivências religiosas medievais
Manuel Pedro Ferreira, Zuelma Chaves

223

A memória fotográfica do município de Loulé no Arquivo
Municipal de Lisboa e na Biblioteca de Arte e Arquivos
da Fundação Calouste Gulbenkian: 1943-1998
Paulo Batista

243

ARTE, CONSERVAÇÃO E RESTAURO

A Igreja de São Clemente de Loulé nas visitações quinhentistas
da Ordem de Santiago
Mário Cunha

263

Conservação e restauro dos frontais dos três altares da Igreja
da Misericórdia de Loulé
Rute Xavier Guerreiro

277

Pintar com ouro: a actividade de pintores douradores
em Loulé no século XVIII
Patrícia Alexandra Rodrigues Monteiro

291

A memória fotográfica do município de Loulé no Arquivo Municipal de Lisboa e na Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian: 1943-1998¹

Paulo Batista*

*CIDEHUS-UE

Resumo: A Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian e, sobre tudo, o Arquivo Municipal de Lisboa disponibilizam nos respetivos sítios web um importante acervo fotográfico sobre o município de Loulé, entre 1943-1998, constituído por 122 registos.

As imagens, maioritariamente, de Artur Pastor, incluem outras dos irmãos Mário e Horácio Novais, Robert Chester Smith, João Miguel dos Santos Simões, Michel Waldmann, Luís Fradinho e do Diário de Notícias.

Este artigo pretende contribuir para o estudo de Loulé, através da divulgação e interpretação de um notável legado informacional, nos aspetos naturais e patrimoniais.

Os elementos apresentados alertam para a necessidade dos estudos de história local considerarem não apenas as fontes disponíveis nos respetivos arquivos, bibliotecas e museus, mas também as existentes noutros serviços de informação. De igual forma, enfatiza a importância da informação se encontrar desmaterializada e disponível à distância, com vantagens inequívocas para a sua preservação e comunicação.

Palavras-chave: Loulé; Arquivo Municipal de Lisboa; Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian; Fotografia.

1. Introdução

Muito para além do seu valor informativo, estético e factual, a fotografia assume, cada vez mais, especial relevância por ser parte integrante e representação da realidade, contribuindo para a investigação, produção e transmissão de informação geradora de conhecimento, para a gestão administrativa e para a tomada de decisão fundamentada.

Deste modo, interpreta-se a informação fotográfica do município de Loulé, o maior e mais populoso do Algarve, disponível na *internet*, em dois serviços de informação fundamentais para o estudo e para a compreensão da história da fotografia em Portugal: a Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG – BAA) e, principalmente, o Arquivo Municipal de Lisboa, por via do seu núcleo fotográfico (AML | Fotográfico).

1. Trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto UID/HIS/00057/2019.

2. Serviços de informação

2.1 O Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico

O AML | Fotográfico é detentor de um extraordinário acervo para o entendimento da história de Lisboa, extensível ao resto do país, nas suas vertentes urbanística e quotidiana, constituindo um testemunho de grande significado para a evolução da fotografia em Portugal, quer pelos fotógrafos, quer pelos processos fotográficos aí representados, entre 1850 e a atualidade, num total de cerca de 600.000 exemplares.

Entre o seu espólio, destacam-se autores como Paulo Guedes, José Artur Bárcia, Eduardo Portugal, Joshua Benoliel, Artur Pastor, Daniel Blaufuks, José Luís Neto, Luís Pavão, Paulo Catrica, Alfredo Cunha ou António Júlio Duarte, assim como outros fundos ou coleções igualmente relevantes, como o Fundo Antigo (que designa o primeiro levantamento fotográfico urbanístico de Lisboa, desenvolvido entre 1898 e 1912, de edifícios de alguns bairros de Lisboa), António Novais, Amadeu Ferrari, Francisco Rocchini, Marques da Costa, Porfírio Pardal Monteiro, entre outros.

No que respeita a Loulé, o AML | Fotográfico comunica na sua página da *internet* 108 suportes fotográficos (no final de maio de 2019 este número já se encontrava nos 150 registos), que retratam sobretudo a freguesia de Quarteira, com 84 imagens, 62 da quais sobre Vilamoura, mas também as localidades de Loulé, Alte e Almancil, de 1943 a 1998, com especial incidência nos anos 80.

Em termos de autoria, a quase totalidade destas fotografias (101) são de Artur Pastor, mas também se encontram outras do fotógrafo profissional belga Michel Waldmann, de Luís Fradinho, colaborador da Câmara Municipal de Lisboa, e ainda do jornal *Diário de Notícias*.

2.2 Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian

A FCG – BAA encontra-se vocacionada para as artes visuais, arquitetura e *design*, possuindo um importante acervo fotográfico, fundamental para o conhecimento da história da fotografia em Portugal.

Entre as suas coleções fotográficas digitais destacam-se as de azulejaria portuguesa, de arquitetura e escultura portuguesa dos séculos XVI-XIX, de pintura maneirista, do levantamento arquitetónico dos paços medievais portugueses, dos estuques decorativos do Norte de Portugal, da arquitetura gótica e da talha em Portugal, e das coleções José Luís Tinoco e do Estúdio Mário Novais.

No que concerne a Loulé, a FCG – BAA difunde no respetivo *site* 14 espécies fotográficas evocativas do concelho, que retratam principalmente esta cidade, com 12 imagens, para lá de Almancil, entre 1943 e 1960-1970.

As supraditas fotografias têm como principais autores os fotógrafos Mário Novais e Horácio Novais (ou Novaes, grafia original, pela qual, por vezes, também são referenciados), respetivamente com oito e três imagens, além do norte-americano Robert Chester Smith, um dos maiores especialistas internacionais em história da arte portuguesa e arte colonial brasileira, e de João Miguel dos Santos Simões, referência fundamental no estudo da azulejaria e da cerâmica portuguesa do século XX.

Como se verifica no Quadro 1, no seu conjunto, o AML | Fotográfico e a FCG – BAA disponibilizam eletronicamente 122 registos do concelho de Loulé, nos quais Quarteira se destaca de forma clara, mas também Loulé e Almancil, para lá de Alte, no período compreendido de 1943 a 1998, sobretudo na década de 80.

Quadro 1

Arquivo Municipal de Lisboa Fotográfico e Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian	
Número de fotografias sobre o município de Loulé: 122	
Datas extremas: 1943-1998	
Localidades	N.º de fotografias
Loulé	20
Alte	3
Almancil	15
Quarteira	84 (Vilamoura: 62)

AML | Fotográfico e FCG – BAA: localidades do município de Loulé

Finalmente, resumindo a autoria das fotografias, Artur Pastor assume um protagonismo quase absoluto, secundado a larga distância por Mário Novais, Horácio Novais, João Miguel dos Santos Simões, Robert Chester Smith e, ainda no ativo, Michel Waldmann e Luís Fradinho, para lá do mencionado Diário de Notícias, como se observa no Quadro 2.

Quadro 2

Autores	Datas de nascimento e de falecimento	N.º de fotografias
Artur Pastor	1922-1999	102
Estúdio Mário Novais	1933-1983	8
Estúdio Horácio Novais	1932-1988	3
João Miguel dos Santos Simões	1907-1982	2
Robert Chester Smith	1912-1975	1
Michel Waldmann	1950-	2
Luís Fradinho	1965-	1
Diário de Notícias	1864-	3

AML | Fotográfico e FCG – BAA: autores das fotografias sobre o município de Loulé

3. Localidades

3.1 Loulé

Para o conhecimento inicial de Loulé², valemo-nos de Artur Pastor³, cujo espólio foi adquirido à família do fotógrafo pela Câmara Municipal de Lisboa, em 2001, um nome que tem tanto de incontornável na história da fotografia portuguesa da segunda metade do século XX, quanto de, surpreendentemente, (ainda) desconhecido do grande público. Nascido a 1 de maio de 1922, na freguesia de Alter do Chão, no distrito de Portalegre, apaixonou-se profundamente pela região do Algarve, que fotografou de

-
2. Para o estudo da história de Loulé, desde o período sob o domínio islâmico à atualidade (1960-2009), veja-se SIMÕES, João Miguel – História económica, social e urbana de Loulé. *Caderno do Arquivo. Loulé: Câmara Municipal*, 2012. N.º 7.
 3. Para a compreensão da vida e obra de Artur Pastor, veja-se SARAIVA, Ana – A vida do “Franco Atirador”: Artur Pastor, seis décadas de fotografia – Contributo para uma biografia. In Artur Pastor. Lisboa: Câmara Municipal/ Arquivo Municipal, 2014. p. 77-98.

forma dedicada até ao fim da sua vida, em 1999, e de que a obra *Algarve*, publicada em 1965, é o testemunho maior. Este fotógrafo, que citamos profusamente nas páginas que se seguem, dá-nos um primeiro retrato geográfico: *A vila de Loulé, uma das mais populosas do Algarve, deixou o mar para se refugiar nos montes agrestes da serra. É a sede do mais vasto concelho da província, com perto de 800 quilómetros quadrados, que se estendem desde a Serra do Caldeirão até às águas atlânticas*⁴.

Principiando pelo acervo fotográfico da FCG – BAA, sobre Loulé, destacamos as típicas chaminés, um dos mais importantes símbolos desta região e, a par da platibanda, do seu característico património arquitetónico popular, que se encontram representadas em três imagens do Estúdio Horácio Novais, de que seleccionámos a Fig. 1, com o código CFT164.24769, pelo pormenor e formusura do rendilhado, aspeto já assinalado por Artur Pastor, que delas diz serem *belas como nenhuma outras do Algarve*⁵.

Fig 1



Loulé/Chaminé algarvia. Col. Horácio Novais [CFT164.24769] | FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos

As icónicas chaminés algarvias, antigo símbolo de riqueza e prestígio nas respetivas comunidades, assumiam formas bastante diversificadas, de secção quadrangular, retangular, circular, cilíndricas ou prismáticas, das mais simples às mais elaboradas, à imagem de torres em miniatura ou dos minaretes árabes, com o predominante branco da cal, mas também em tonalidades azuis e ocres. Para lá da sua função utilitária, também cumpriam um importante objetivo decorativo, em observância ao gosto e ao poder económico dos seus proprietários, e de capacidade criativa do seu mestre pedreiro.

4. PASTOR, Artur – *Algarve*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1965. p. 101.

5. PASTOR, Artur – *Ibidem*. p. 102.

Considerando as tipologias formais e construtivas de chaminés no Algarve, identificadas por José Manuel Fernandes, podemos classificar a que se encontra na Fig. 1 como *as de tipo mais recentes, dotadas com motivos geométricos e angulosos*⁶.

Também é digna de destaque a fotografia com o código CFT164.24770, não pela simplicidade da estrutura, encimada por três aberturas em forma de ranhura, por forma a permitir o escoamento do fumo, em oposição à beleza decorativa do exemplo anterior, mas por permitir situar com rigor o local onde foi obtida. De facto, este registo possibilita avistar a pousada de São Brás de Alportel, situada a cerca de 10 km de Loulé, depois das obras de ampliação de que beneficiou na segunda metade dos 50 do século XX⁷.

A última fotografia de chaminés de Loulé, com o código CFTP164.24798, sobressai por apresentar uma marcação ou inscrição de datas, infelizmente ilegível, mas que nos permite avaliar a sua difusão e épocas significativas de construção. Encontram-se exemplos desde o último quartel do século XIX até aos anos mais recentes, prova insofismável de que a tradição de datação das chaminés não se perdeu ainda⁸.

Referimos que o Estúdio Horácio Novais (ativo entre cerca de 1932 e 1988) é o autor destes três registos, cuja designação vinculam o fotógrafo que viveu entre 1910 e 1988. Como se observa no registo eletrónico *Horácio Novais e Herdeiros*, do Centro Português de Fotografia – DigitArq, este fotógrafo é proveniente de uma família com largos pergaminhos na fotografia portuguesa. A sua profícua atividade profissional iniciou-se com apenas 15 anos, no estúdio do seu meio-irmão, Mário Novais, e pouco depois como fotojornalista no jornal *O Século*, experiência que irá repetir noutras jornais e periódicos. Começou a trabalhar como fotógrafo independente no estúdio que fundou em Lisboa, na praça Luís de Camões e, posteriormente, na rua da Horta Seca. Passou, também, pela fotografia de obras de arte e arquitetura, em que participou em concursos e exposições de fotografia, tendo colaborado com os maiores vultos em Portugal destas áreas, pela fotografia de trabalhos oficiais, nomeadamente como fotógrafo das Comemorações dos Centenários (1140, 1640 e 1940), em 1940, pela fotografia industrial, como diretor de fotografia de vários filmes de cinema, para lá de ter registado acontecimentos sociais, culturais e políticos.

Ainda na representação de Loulé no acervo fotográfico da FCG – BAA, merece especial destaque, pelo número de fotografias existente, as respeitantes à estação de correios desta cidade. Trata-se de um conjunto de seis imagens, do Estúdio Mário Novais, duas do exterior (com os códigos CFT003 024507 e CFT003 024501.ic), e quatro do interior (com os códigos CFT003 024298ic., 508.ic, 509.ic e 510ic.), deste equipamento projetado pelo arquiteto Adelino Nunes (1903-1948), que se destacou por ter sido responsável pelo traço de um número significativo de instalações de Correios, Telégrafos e Telefones (CTT) em Portugal.

A construção da Estação de Correios de Loulé entende-se no contexto da ação governativa de António de Oliveira Salazar, empossado nessa qualidade em julho de 1932, e do Estado Novo, por via da aprovação da Constituição em abril do ano seguinte. Salazar vai chamar Duarte Pacheco, de que falaremos à frente, para dirigir o Ministério das Obras Públicas e Comunicações, com o objetivo de colocar em prática a política de

6. FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Ana – *A Casa Popular do Algarve. Espaço Rural e Urbano, Evolução e Actualidade*. Lisboa: CCDR Algarve, 2008. p. 130.

7. BATISTA, Paulo – A memória fotográfica de São Brás de Alportel no Arquivo Municipal de Lisboa e na Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte. In *Atas das comunicações do II Encontro BAD ao Sul: a criar e educar comunidades*, Delegação Sul da APBAD, São Brás de Alportel, 10 de novembro de 2017, p. 3.

8. FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Ana – *Ibidem*. p. 133.

obras públicas, em que se inserem os edifícios dos CTT, de que Portugal tanto necessitava e cuja não concretização ameaçava o seu desenvolvimento económico.

Na realidade, os edifícios, cedidos ou alugados, onde funcionavam os CTT encontravam-se, por regra, em mau estado de conservação, com prejuízos evidentes no serviço disponibilizado, comprovando a urgência de construir novos imóveis.

Com a finalidade de identificar as necessidades verificadas, quer ao nível das estações-tipo a construir de raiz, quer do seu equipamento e mobiliário, Duarte Pacheco vai nomear a Comissão dos Novos Edifícios para os CTT (CNE-CTT), constituída pelos CTT e pela Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), com responsabilidade no projeto e construção dos edifícios do Estado. O ministro das Obras Públicas e Comunicações também vai rodear-se de um conjunto de arquitetos, da primeira geração modernista, onde se inclui Adelino Nunes, designado em 1934 responsável da referida comissão. Em abril de 1936, a CNE-CTT conclui o seu estudo, que considerava seis projetos-tipo para o efeito⁹.

Carlos Bártolo refere que *nestes projectos foi o cumprimento de princípios funcionais, ergonómicos, económicos, de segurança, de organização racional da construção e de adaptabilidade a situações futuras que justificaram as opções tomadas. (...) A importância do relacionamento entre o público e os serviços tinha sido objecto de reflexão, assegurando-se a facilidade de acesso e utilização das estações pelo público nas mais diferentes circunstâncias. As salas de público e as salas de serviço que com estas comunicavam eram concebidas de forma a criar uma imagem de funcionalidade, eficiência, rigor e organização dos serviços ali prestados. Estes não só teriam de ter em conta as características locais dos serviços dos CTT como a configuração e orientação dos terrenos, a paisagem, a arquitetura local e o económico aproveitamento dos recursos e materiais locais*¹⁰.

Grosso modo, como Carlos Bártolo indica, podemos considerar dois períodos distintos na arquitetura das estações dos correios dos CTT. Até 1939, salvo raras exceções, os projetos das estações-tipo eram de natureza modernista, particularmente nas cidades e vilas mais cosmopolitas e em zonas turísticas, como Bragança, Figueira da Foz, Santarém, Setúbal, Beja, Funchal, etc.

A modernidade destes edifícios era marcada na *definição do edifício pela associação de volumes geométricos, as coberturas em terraço, a marcação dos corpos das escadas, a disposição das janelas em longas bandas horizontais, a sinalização e marcação das entradas principais do edifício, quer pelo uso gráfico do logótipo, quer pela volumetria arquitectónica usada ou pela localização das mesmas, a pontuação da horizontalidade dos edifícios por corpos verticais, torres ou mastros*¹¹.

A par destes edifícios outros seguiram os modelos tradicionais, visível, como Carlos Bártolo nos indicou, nos *beirais, alpendres, portadas, arcos, cachorros nas varandas, chaminés tradicionais, ferros forjados ou rendilhados em tijolo típicos de uma arquitetura “regional” do sul, detalhes decorativos no trabalho dos materiais construtivos*. A justificação para esta situação era a menor dimensão das povoações, o maior afastamento de uma cultura cosmopolita, o respeito a um entorno mais vernacular ou edifícios históricos.

9. BÁRTOLO, Carlos – *Arquitectura e equipamento do Modernismo ao Estado Novo: as estações de Correio do Plano Geral de Edificações: 1937-1952*. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 1998. p. 3-6.

10. IDEM – *Ibidem*. p. 7.

11. IDEM – *Ibidem*. p. 9.

Mais nos acrescentou que por vezes existia um compromisso, onde a parte do edifício dos serviços parecia mais moderna, e a parte do imóvel respeitante à habitação do chefe da estação mais "regionaleca", como sucedeu em Barcelos e Santo Tirso.

Porém, todos os projetos iniciados a partir de 1939, aprovados no ano seguinte, mesmo nas capitais de distrito mais populosas e cosmopolitas, caracterizam-se pelo erradicar dos elementos modernistas dos edifícios dos CTT, à imagem da arquitetura historicista, como sucedeu nos grandes centros urbanos, e da arquitetura popular (a Casa Portuguesa), nas localidades de menor dimensão.

Como se observa na Fig. 2, a Estação de Correios de Loulé insere-se nesta segunda fase, pós-1939, em que o exterior é assumidamente tradicional e regional, neste caso por se encontrar numa povoação de dimensão reduzida.

Fig 2



Estação de Correios de Loulé. Col. Mário Novais [CFT003 024507] | FCG-Biblioteca de Arte e Arquivos

No caso da Estação de Correios de Loulé, temos conhecimento, por via de um relatório, de meados de 1947, sobre o avanço do Plano Geral de Edificações, que indicava todas as datas, até esse ano, de cada projeto, das alterações a tipologias e dimensões e, inclusive, dos valores de pagamentos, de informações bastante detalhadas sobre este edifício. De facto, o suprarreferido relatório, que faz parte do Processo nº 8009.0-suplementar, da Secretaria da Administração-Geral dos CTT, que se encontra no Arquivo Histórico da Fundação Portuguesa de Comunicações (FPC), em Lisboa, refere que o programa de construção da Estação de Correios de Loulé é lançado a 7 de setembro de 1939, segundo o modelo das estações-tipo 2. O projeto é assinado a 21 de março de 1940, sem que sejam indicadas substanciais alterações posteriores a este, verificando-se a sua inauguração a 26 de julho de 1943. Concorrendo neste sentido, durante o Estado Novo, os CTT tinham por hábito imprimir umas pequenas pagelas comemorativas, que por vezes indicavam a data da respetiva efeméride. No caso da Estação de Correios de Loulé, as pagelas da sua inauguração, que se encontram no Flickr da FPC, para lá de uma delas, com o código LOULE_4, aludir à remodelação do edifício a 11 de julho de 1938, outras, com o código LOULE_1 e LOULE_2, remetem para julho de 1943.

Envolvendo esta dinâmica, temos conhecimento que os CTT, por razões de comunicação e propaganda dos seus serviços, tinham a prática de realizar um registo fotográfico de cada edifício, aquando da sua inauguração, neste caso em 1943, sendo este o contexto de produção das seis fotografias da Estação de Correios de Loulé¹².

Como referimos, estes seis registos são da autoria do Estúdio Mário Novais, cuja atividade decorreu entre 1933 e 1982 (três anos depois a coleção foi adquirida pela FCG), e que se destacou na fotografia de obras de arte. Mário Novais (1899-1967) era o irmão mais velho de Horácio Novais, tendo começado a trabalhar com fotografia com apenas 12 anos, com o seu tio Eduardo Novais. Em poucos anos tornou-se o principal fotógrafo dos Estúdios Vasquez, montou um laboratório na rua Artur Loureiro e fundou o seu estúdio, na avenida da Liberdade. Tal como o seu irmão, Mário Novais desenvolveu a atividade profissional pelos mesmos estilos de fotografia, como o retrato, reportagem, publicidade, comercial, industrial, mas, sobretudo, de arte e arquitetura, em que cobriu inúmeros eventos, em Portugal e no estrangeiro, sendo que também ilustrou obras de renomados especialistas de arte nacionais. Todavia, a reportagem de acontecimentos estendeu-se à área política, cultural e comercial, ao abrigo da colaboração com revistas¹³.

Contudo, de novo, à semelhança do seu irmão Horácio, a obra de Mário Novais está sobremaneira conotada com a cobertura da Exposição do Mundo Português, que se realizou em Lisboa, em 1940 e, em sentido mais abrangente, com as Comemorações dos Centenários. Esta experiência resulta de uma encomenda do Secretariado de Propaganda Nacional, dirigido por António Ferro, que *inaugurava assim a utilização da fotografia como instrumento privilegiado de propaganda do regime*¹⁴, pese o facto da iniciativa ter contado com a colaboração de outros fotógrafos portugueses.

Por último, no acervo fotográfico da FCG – BAA sobre Loulé, existem duas imagens sobre a igreja matriz desta cidade, classificada como Monumento Nacional desde 1924.

A primeira, com o código CFT015.108, é do portal da Igreja Matriz de São Clemente, edificada no século XIII. Esta fotografia, de uma das construções do período de ocupação islâmica mais bem conservada em Portugal e um dos mais significativos monumentos medievais do Algarve, é da autoria de Mário Novais, tendo-lhe sido atribuída a data aproximada de 1954, em resultado de ser o ano de publicação da obra *A Arquitetura Gótica em Portugal*, de Mário Tavares Chicó, no âmbito da supradita atividade do fotógrafo na ilustração de obras dos mais relevantes historiadores de arte portugueses. Foi nesse contexto, sob a orientação deste historiador de arte, que Mário Novais efetuou o levantamento fotográfico, composto por 401 provas a preto e branco, de construções góticas em Portugal, que se encontra disponível no sítio web da FCG – BAA, com o título *Arquitectura Gótica em Portugal*.

Do portal da igreja tutelar de Loulé importa salientar que, *embora manifeste algumas das características góticas, não apresente ornamentações consideráveis, além dos vários colunelos, de flora indígena, já utilizada nos capitéis, e de arco trabalhado em forma de cordão*¹⁵. Já Pedro Dias ressalta o facto do portal se encontrar *inscrito num desenvolvido gablete de terminação triangular*¹⁶.

12. O nosso agradecimento a Carlos Bártole pela generosa disponibilização de informações sobre a Estação de Correios de Loulé.

13. CACHOLA, Maria [et al.] – Mário Novais. Exposição do Mundo Português (1940). In Mário Novais. *Exposição do Mundo Português (1940)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p. 25-29.

14. IDEM – *Ibidem*. p. 17.

15. VARELA, Henrique [et al.] – A Igreja Matriz de Loulé: um templo pré-gótico ou uma mistura de vários estilos? *Al-'Ulja. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal, 1993. N° 2, p. 185.

16. DIAS, Pedro – *A arquitectura gótica portuguesa*: Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p. 149.

A segunda fotografia da Igreja Matriz de São Clemente, com o código CFT009.788, que expõe o revestimento de padrão da Capela das Almas, tem como autor João Miguel dos Santos Simões (1907-1972), o mais importante investigador de azulejaria portuguesa do século XX. Esta imagem integra uma coleção fotográfica de azulejos de igrejas portuguesas, produzida no âmbito de um inventário sobre azulejaria nacional, efetuado entre 1960-1970. As suas origens remontam a 1957, quando propôs ao presidente da FCG publicar a obra *A Arte do Azulejo em Portugal*, o que se verificará a partir de 1966, em diversos volumes. O legado deixado por João Miguel dos Santos Simões é acentuado por Vítor Serrão, que afirma que a ele se deve a nova visão esclarecida sobre o Azulejo como parte integrante das especificidades artísticas portuguesas e o reconhecimento da importância de tal dimensão internacional. (...) Poucos autores portugueses abriram tantas portas, como Santos Simões, para o desenvolvimento da História da Arte e a revalorização do património artístico¹⁷.

Por sua vez, do espólio do AML | Fotográfico sobre Loulé, começamos por realçar cinco fotografias, de diferentes autores, que nos remetem para o património móvel e imóvel da localidade.

Artur Pastor apresenta-nos uma caracterização geral sobre esta situação, em 1965: *Loulé, envolvida pelo ar saudável da serra, a que parece chegar o perfume do loendro, apesar de coeva, não é abundante em monumentos ou obras de arte. Os terramotos destruíram parte do que de mais valioso possuía*¹⁸.

Em primeiro lugar realçamos três imagens (com os códigos de referência PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JDN/S00599, 600 e 601) do Diário de Notícias, fundado a 29 de dezembro de 1864 pelo jornalista e escritor José Eduardo Coelho e por Tomás Quintino Antunes (mais tarde Conde de São Marçal), proprietário da Tipografia Universal. Estas fotografias, de 16 de novembro de 1953, remetem para a inauguração do monumento ao engenheiro Duarte Pacheco em Loulé, filho pródigo da terra.

Duarte Pacheco¹⁹, que viveu entre 1899 e 1943, foi um dos mais eminentes ministros que integraram os governos de Salazar, ocupando diversos cargos públicos, como os de diretor do Instituto Superior Técnico, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, ministro da Educação e também das Obras Públicas e Comunicações, em que se destacou notavelmente.

Não podemos esquecer que Duarte Pacheco, em 1928, depois de tomar posse como ministro da Instrução Pública, foi a Coimbra convidar o professor catedrático de Economia Política para assumir a pasta das Finanças. Pretendia convencê-lo a aceitar esse cargo, com o objetivo de sanear as finanças públicas, e vencer a suas resistências nesse sentido, depois da curta experiência, de apenas duas semanas, à frente da mesma, no governo de Mendes Cabeçadas, entre a Revolução de 28 de maio de 1926 e o golpe do general Gomes da Costa, tendo sido bem-sucedido nessa missão. Cinco anos mais tarde, vai ser Salazar que volta a convidar Duarte Pacheco para ministro das Obras Públicas e das Comunicações, e dez anos depois para presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

17. SERRÃO, Vítor – João Miguel dos Santos Simões, colecionador de interesses e saberes: a História da Arte e a reabilitação integral da arte do Azulejo. In *Rede de Investigação em Azulejo*. Lisboa: ARTIS - Instituto de História da Arte - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010. p. 1 e 3.

18. PASTOR, Artur – *Ibidem*. p. 101.

19. Sobre a vida e a obra Duarte Pacheco, vejam-se os seguintes artigos publicados na AL-'Ulyà, a revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, respetivamente em 1996 (n.º 5) e 2008 (n.º 12): ALMEIDA, Maria – *Duarte Pacheco: Uma Biografia* (p. 175-215) e SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Um Louletano Ilustre: O Engenheiro Duarte Pacheco (1899-1943)* (p. 97-106). Para uma compreensão aprofundada da obra pública desenvolvida por Duarte Pacheco, veja-se: COSTA, Sandra Vaz – *O país a régua e esquadro: urbanismo, arquitectura e memória na obra pública de Duarte Pacheco*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010. Tese de Doutoramento em História, na especialidade de Arte, Património e Restauro.

Regressando às fotografias da inauguração do monumento ao engenheiro Duarte Pacheco em Loulé, pelo presidente do Conselho de Ministros, que se deslocou a esta localidade para o efeito, elas dão-nos conta da homenagem prestada ao ilustre louletano, dez anos depois do seu falecimento, com apenas 43 anos, vítima de um acidente de viação, a 16 de novembro de 1943.

Como as imagens do AML | Fotográfico avultam, este monumento da autoria de Luís Cristina da Silva, o mais importante do Estado Novo edificado no Algarve, é constituído por uma imponente coluna, com 5 metros de diâmetro e altura, de aparência incompleta, que simboliza a interrupção do notável percurso de Duarte Pacheco²⁰. O reconhecimento da sua importância em Loulé está perpetuado na casa-memória com o seu nome, onde nasceu, em frente aos Paços do Concelho, inaugurada em 2012.

Ainda no património cultural imóvel de Loulé, o AML | Fotográfico possui um registo do Mercado Municipal de Loulé e outro do CineTeatro Louletano, dois monumentos icónicos desta cidade.

A fotografia do Mercado Municipal de Loulé, com o código de referência PT/AMLSB/ART/010302, verdadeiro ex-líbris desta cidade, é da autoria de Artur Pastor, tendo-lhe sido atribuída a data entre 1955-1970. Imagem de rara beleza, mostra a entrada principal do mercado municipal, em frente à qual um grupo de quatro populares, onde se parecem encontrar dois jovens, observa um homem junto à sua carroça, puxada por um burro, presumivelmente carregada de víveres. Num plano mais recuado, já no interior do mercado, adivinha-se a azáfama própria destes locais.

De facto, como Artur Pastor nos dá conta, Loulé, apesar de ser uma localidade cheia de interesse e progressiva, habitada por gente laboriosa, que em parte se dedica a uma desenvolvida e artística indústria de palma. A vila, bastante comercial, é no entanto fundamentalmente agrícola. Cercam-na courelas férteis, pomares e hortas esforçadamente regadas. Às suas feiras e mercados ocorrem em grande número típicas montanheiras, transportadas nos seus carros de capota ou montando pachorrentos jericos²¹.

O Mercado Municipal de Loulé, inaugurado a 27 de junho de 1908, foi desenhado pelo arquiteto Alfredo Costa Campos, embora o projeto de 1903 tenha na origem um outro, de 1898, de autor desconhecido. Ao longo da sua existência, este mercado tem beneficiado de obras de ampliação, como se verificou em 1933, no início dos anos 80, mas sobretudo a partir de 2004, em que, entre outras obras, foram construídos os dois torreões que se encontram no projeto de 1905, e que levaram à sua reabertura a 1 de fevereiro de 2007, de assumido respeito pela traça original. Como Patrícia Santos Batista salienta, é importante ter consciência que, se hoje, no início do século XXI, a cidade dispõe de um espaço como este, reconhecido pela sua importância histórica, económica, social e cultural, isso implicou tomadas de decisões difíceis²², como a colocação dos respetivos comerciantes noutro espaço enquanto se realizavam as obras. Porém, é inegável que estas fizeram deste mercado municipal um espaço com melhores condições para o cumprimento da sua função, de forte atração comercial e um ponto turístico impactante na cidade.

20. Sobre esta matéria, veja-se PALMA, Jorge Filipe – A Consagração Nacional de Duarte Pacheco – A construção do Monumento de Loulé. *Caderno do Arquivo*. Loulé: Câmara Municipal, 2013. N.º 8. As obras CARRUSCA, Susana – Loulé: O património artístico. Loulé: Câmara Municipal, 2001. p. 149-150 e TINOCO, Teresa – Preservação e valorização do Património Cultural dos Espaços Públicos: A estatária contemporânea do Concelho de Loulé. Loulé: [s.n.], 2005, também são importantes para a compreensão desta temática.

21. PASTOR, Artur – *Ibidem*. p. 101.

22. BATISTA, Patrícia Santos – Mercados Públicos – Motores de Desenvolvimento Local: O Mercado Municipal de Loulé. Loulé: Câmara Municipal, 1993. p. 37.

Por sua vez, a fotografia do Cine Teatro Louletano, de 1990-1991, com o código de referência PT/AMLSB/MIW/000084, é da autoria de Michel Waldmann. Este edifício foi inaugurado a 19 de abril de 1930, Contudo já tinha funcionado como cinema, sendo considerada a sala de espetáculos mais importante do Algarve. Em 2003, a Câmara Municipal de Loulé adquiriu este equipamento à Sociedade Teatral Louletana, proprietária do mesmo durante 75 anos. Depois de beneficiar de obras de remodelação, abriu ao público a 1 de fevereiro de 2011, com um programa bastante diversificado, sobretudo na área da cultura.

Michel Waldmann é um fotógrafo belga, nascido em 1950, mas que se encontra há largas décadas a viver em Lisboa. Este registo insere-se no seu trabalho como fotógrafo oficial da Fundação Europália Internacional, entre estas a Europália de 1991, realizada na Bélgica, em que Portugal foi o país-tema. Este festival cultural fez com que entre 1990 e 1991 viajasse pelo nosso país, com o objetivo de produzir um inventário dos cinemas, teatros e cineteatros. Dois anos depois, este fotógrafo autoapresentou-se da seguinte forma: *Exerceu todos os ofícios do Cinema antes de se tornar fotojornalista, em 1973. Grandes reportagens essencialmente na Europa de Leste (Artes, Espectáculos, Arquitectura, Cinema, Serviços Sociais e económicos) Fotografia submarina. Detesta a política – as tendências – os clãs, os críticos e os imbecis em geral. Descobriu Portugal na Revolução dos Cravos e não deixou de voltar a repreender a amá-lo. Realizou durante meses uma reportagem sobre a vida social portuguesa para a Europália 91 na Bélgica. Numerosas publicações por todo o mundo*²³.

Ainda no âmbito do património cultural, mas agora imaterial, centramos a nossa atenção em dois registos de Artur Pastor, com o título *Oleiro*, datados entre 1943-1945 e 1955-1970, com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/050261 e 010303, mas que, com exceção do suporte, são iguais. Estas imagens remetem-nos para uma época em que existiam unidades de olaria a funcionar em Loulé e nas suas imediações, a maior parte especializadas na produção de alcatruzes para a pesca do polvo, de que o espólio do AML | Fotográfico sobre Loulé possui um registo de Quarteira, de 1998, com o código de referência PT/AMLSB/ART/080162, mas também de vasilhas, cântaros, infusas e potes, para lá dos telheiros, onde se faziam telhas e ladrilhos. Com o objetivo de evitar o desaparecimento destas atividades seculares, em maio de 2018 foi inaugurada uma oficina de olaria e cerâmica, no âmbito do projeto Loulé Criativo, para desenvolver as artes tradicionais e o turismo.

Encerramos a análise do acervo do AML | Fotográfico sobre Loulé com mais uma imagem de Artur Pastor, com o código de referência PT/AMLSB/ART/031339, que se pensa ter sido produzida nos anos 70 e se atribuiu o título de *Amendoeiras em flor*, um tema recorrente neste autor, que as descreve com expressões bastante poéticas, em diversas localidades do Algarve, como *Teia algarvia* (em Montegordo), *moldura de pétalas* (Almancil), *monte nupcial* (em Albufeira), *luz caríciosa* (em Silves) e *Natureza em festa* (em Lagos)²⁴. No caso da fotografia de Loulé, a primeira a cores entre as que temos analisado, trata-se de um verdadeiro bilhete-postal do Algarve, em que as amendoeiras na época de floração dão um colorido branco que assinala o término do Inverno e emolduram uma estrada onde se observa uma pessoa sobre o dorso de um burro, num cenário sobremodo bucólico.

23. BLAUFUKS, Daniel [et al.] – *Lisboa, Pena Capital*. Lisboa: Galeria Alda Cortez, 1993. p. 10.

24. PASTOR, Artur – *Ibidem*. p. 212, 239, 273, 284 e 333 (respetivamente).

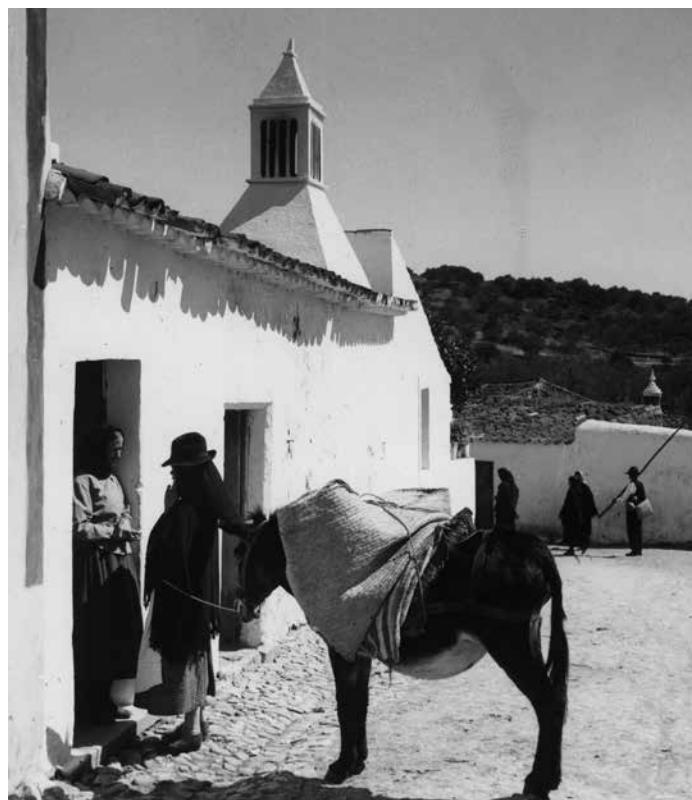
3.2 Alte

Alte situa-se no centro do Algarve, no sopé da serra do Caldeirão, a cerca de 30 km de Loulé.

Desta localidade²⁵, só o AML | Fotográfico possui registos, e apenas três, da autoria de Artur Pastor. Mais uma vez, socorremo-nos das detalhadas descrições deste fotógrafo, em 1965, que lhe dedica as seguintes linhas: *O pitoresco do casario, os seus costumes, a pureza das tradições, o encanto dos arredores, a que as cachoeiras do Salto da Ponte e as quedas da Levada e do Vigário imprimem invulgar encanto, fazem desta aldeia extremamente característica, como já alguém disse, uma miniatura do Algarve²⁶.*

Estas palavras dão o mote para a aldeia que já foi considerada a mais típica de Portugal, em observância à preservação das suas origens, mas também para a Fig. 3, com o código de referência PT/AMLSB/ART/02409, a que se atribuiu o título *Quotidiano* e que se pensa ser aproximadamente de 1960.

Fig 3



Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/022409

Para além da ruela pavimentada em calçada portuguesa, detemos a atenção nos ricos elementos arquitetónicos presentes nesta imagem e que aqui se destacam manifestamente em dois aspetos. Em primeiro lugar, a chaminé, que José Manuel Fernandes adjetiva de *grande efeito estético, não datada²⁷*. Mais significativo, a casa térrea que se

25. Para mais informações, veja-se RAPOSO, Isabel – *Alte na roda do tempo*. Alte: Casa do Povo, 1995.

26. PASTOR, Artur – *Ibidem*. p. 102.

27. FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Ana – *Ibidem*. p. 133.

observa em primeiro plano tem as duas portas desniveladas, correspondendo cada uma a compartimentos “em escada” no seu interior (acompanhando o descer do terreno) e que também é uma tipologia da Serra Algarvia, onde Alte pontifica. Esta tipologia de salas “em degrau” corresponde, como se vê na Fig. 3, a uma vasta cobertura única, de uma só águia telhada, que é sensivelmente paralela ao terreno em declive²⁸.

As outras duas fotografias desta aldeia, com o título *Alte, vestígios do passado*, com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/050743 e PT/AMLSB/ART/015933, estão datadas entre os anos 40 e 1960-1965, mas, excluindo o suporte, são iguais. No mais, para lá das casas de dois pisos, com telhados de duas águas, as imagens patenteiam as propriedades genéricas da anterior, como a modéstia do casario, pintado com o característico branco da cal, própria de uma região com escassos recursos económicos, onde, ainda hoje, a maioria da população vive da agricultura de subsistência.

3.3 Almancil

Em oposição às terras serranas e do barrocal de Alte, Almancil situa-se na orla costeira do concelho de Loulé, sendo particularmente conhecida pelas famosas praias que aí se encontram, assunto que desenvolvemos no epílogo deste ponto.

De Almancil, Artur Pastor apenas nos diz que possui, na igreja de S. Lourenço, extraordinários azulejos setecentistas, descriptivos da vida do Santo²⁹. São precisamente da Igreja Matriz de São Lourenço de Almancil, um dos mais importantes tesouros artísticos do Algarve, as duas fotografias da FCG – BAA sobre esta povoação.

A primeira, com o código CFT009.787, da abóboda revestida de azulejos figurativos, de 1730, é de João Miguel dos Santos Simões³⁰, tendo sido produzida entre 1960 e 1970.

A segunda, com o código CFT008.0417n.ic, do retábulo principal em talha dourada da capela-mor do altar, em estilo barroco, atribuído ao mestre entalhador e escultor de Faro, Manuel Martins, o mais importante do Algarve, é da autoria de Robert Chester Smith (1912-1975), estando datada entre 1962 e 1964, período em que investigou a talha em Portugal³¹. Esta imagem faz parte do conjunto de 55 fotografias deste autor, de exemplares de talha nas localidades de Faro, Loulé, Olhão e Vila do Bispo, no referido período, disponível no Flickr da FCG – BAA, com o título *Talha em Faro, Portugal*.

Como mencionámos, Robert Chester Smith, foi um dos maiores especialistas internacionais em história da arte portuguesa e arte colonial brasileira, pelo que a notícia da sua morte gerou emotivas homenagens, de que destacamos a do seu companheiro de viagens, o historiador de arte português Flávio Gonçalves: *Perfeitamente integrado aos nossos costumes, falando e escrevendo a nossa língua, pesquisador infatigável dos nossos arquivos, viajante apurado de todo nosso território, conhecedor do nosso património artístico – cuja análise dedicou milhares de páginas – Robert Smith não pode ser considerado, pelos portugueses, um estrangeiro ou mero lusófilo. Ele amou deveras Portugal e o seu exemplo bem merece ser recordado*³².

28. O nosso obrigado a José Manuel Fernandes pelos importantes esclarecimentos sobre a arquitetura da Fig. 3.

29. PASTOR, Artur – *Ibidem*.

30. Veja-se SIMÕES, João Miguel dos Santos – Os notáveis azulejos da Igreja de S. Lourenço de Almancil e da Capela de Nossa Senhora da Conceição de Loulé. In *Correio do Sul*, Faro, 28 de Julho de 1949. p. 1-2. *Estudos de Azulejaria*. Lisboa: Imprensa nacional Casa da Moeda, 2001. p. 153-154.

31. SMITH, Robert Chester – *A Talha em Portugal*, Lisboa: Livros Horizonte, 1963.

32. GONÇALVES, Flávio apud SERRÃO, Vítor – Entre Robert Chester Smith e Flávio Gonçalves, um percurso pelo barroco luso-brasileiro. In *Robert Chester Smith (1912-1975): A investigação na História da Arte*. Lisboa: FCG, 2000. p. 292. Sobre Robert Chester Smith, veja-se, também, na mesma obra: WOOD, Russel – Robert Chester Smith: investigador e historiador. p. 30-66.

Em relação ao acervo do AML | Fotográfico sobre Almancil, é possível identificar 13 imagens desta povoação, seis das quais, uma a preto e branco e as demais as cores, da Igreja Matriz de São Lourenço de Almancil, da autoria de Artur Pastor. Crê-se que, com exceção da fotografia a preto e branco, com o código de referência PT/AMLSB/ART/050583, e datação atribuída de 1943-1945, as restantes, duas do exterior e três do interior, são dos anos 60. As imagens do exterior, com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/030075 e 030080, de diferentes perspetivas, permitem ver o edifício religioso. As fotografias do interior, com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/030076 a 030078, exibem respetivamente a nave, com o presbitério ao fundo, onde se destaca o referido retábulo em talha dourada, um painel de azulejos e a abóboda, à semelhança das paredes e da nave, revestida de azulejos figurativos, com cenas da vida de São Lourenço, orago da igreja, eventualmente concebidos por Policarpo de Oliveira Bernardes³³.

Ainda em relação ao património cultural imóvel de Almancil, encontra-se no seu espólio fotográfico uma imagem do Cinema Miranda, com o código de referência PT/AMLSB/MIW/000077, de Michel Waldmann, produzida entre 1990 e 1991, no contexto da Europália 91, que apresentámos.

Concluímos a interpretação do acervo do AML | Fotográfico sobre Almancil com a análise de seis fotografias a cores, de Artur Pastor, dos anos 80, de Vale do Lobo.

Duas destas fotografias, com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/030131 e /030132, retratam panorâmicas da praia na mesma data, que se destaca pela dimensão do areal e características falésias ocres e rubras, de singular beleza.

As restantes quatro inserem-se, sobretudo, na atividade turística, tão vinculativa do Algarve, e que atraiu particularmente o olhar atento de Artur Pastor, que desenvolvemos no ponto seguinte, sobre Quarteira. De facto, para lá de uma imagem panorâmica de urbanizações de Vale do Lobo, as restantes retratam a receção do Hotel Dona Filipa, uma piscina exterior e um campo de mini golfe, presumivelmente de um hotel ou de um aldeamento turístico, ambos em frente ao mar, respetivamente com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/030127, 030129, 030133 e 030136. Estes elementos são, afinal, aqueles que, ainda hoje, projetam a zona de Almancil, particularmente a sua costa, onde, para lá da praia de Vale do Lobo, se encontram outras muito famosas, como a do Ancão ou da Quinta do Lago, para lá dos empreendimentos turísticos e campos de golfe, de prestígio mundial.

3.4 Quarteira

Terminamos o nosso périplo fotográfico pelo concelho de Loulé falando de Quarteira, que, à semelhança do Algarve, foi descoberta como destino turístico nos anos 60.

Como referido no início, entre o universo fotográfico objeto do nosso estudo, Quarteira é claramente a povoação do concelho de Loulé que mais se encontra representada, com 84 registos, todos do AML | Fotográfico, dos quais um é da autoria de Luís Fradinho e os restantes de Artur Pastor.

Este fotógrafo, de grande significado para o conhecimento de Quarteira, afirma que esta *localidade foi construída em areais lisos e com a maioria das suas ruas conduzidas na direção do mar (...)* As casas, planas e térreas são extremamente curiosas. A brisa do Atlântico envolve-as de um odor marítimo que tonifica os pulmões (...) O casario aproxima-se das águas (...) Disputa-se o espaço ao mar. E são principalmente as chaminés,

33. Opinião contestada por José Meco, que considera a autoria dos painéis de azulejos da nave como sendo de alguém próximo de Policarpo de Oliveira Bernardes (MECO, José – BERNARDES, Policarpo de Oliveira. In *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Presença, 1989. p. 84.)

requinte precioso que por humilde as habitações nunca dispensam, que surpreendem e encantam o visitante, tanto pela profusão como pela sua forma delicada e artística³⁴. Esta narração ganha forma em seis fotografias que permitem conhecer aspectos significativos da arquitetura de Quarteira, entre os anos 40 e 60 do século passado. Tal como em Loulé, a temática das chaminés foi objeto da atenção de Artur Pastor, que lhe dedica três grandes planos. Se num dos casos, com o código de referência PT/AMLSB/ART/080159, o título *Chaminé* foi atribuído *a posteriori*, não lhe pertencendo, nos outros dois, muito semelhantes, com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/050734 e 015855, o fotógrafo voltou a apostar numa linguagem assumidamente poética, designando-os *Chaminés airochas olhando o céu*.

Do casario referido por este fotógrafo apenas existem duas imagens, com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/009039 e 050701, que relevam a humildade, composta de pequenas casas térreas de uma só água, pouco inclinada, com pátio fronteiro, caiadas a branco, para lá das características chaminés. Mais importante, por ser o único registo deste espólio onde tal se observa, a fotografia com o código de referência PT/AMLSB/ART/009074 apresenta uma casa de açoteia, com cobertura plana em terraço, envolvida por um pequeno murete. Este terraço, que a imagem não permite determinar se cobre parte ou a totalidade da cobertura, ou o modo como é feito o acesso, na atualidade é especialmente usado para a secagem da fruta, como as amêndoas e os figos, e do peixe, cereais e produtos hortícolas, mas também para aproveitar a água das chuvas, e utilizar para fins de lazer, como efetuar refeições a céu aberto e refrescar nas noites mais quentes. Acrescendo a importância desta imagem, a par dos telhados de duas águas, observa-se ao fundo uma casa com uma grande cobertura única de quatro águas, mais característica dos meios urbanos e litorais.

Ainda no património cultural imóvel, no caso de locais turísticos de interesse histórico, destacamos três registo a cores, de Artur Pastor. Os dois primeiros, com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/030238 e 030239, retratam as ruínas romanas do Cerro da Vila, na década de 80, uma estação arqueológica, junto à costa, em Vilamoura³⁵. A terceira fotografia, com o código de referência PT/AMLSB/ART/030145, evoca o Forte Novo ou da Armação, cuja construção se iniciou no século XVI, de que Artur Pastor nos indica a localização: *a dois passos do mar, junto da ribeira de Almargem, num ponto bastante aprazível*³⁶. Infelizmente, esta construção militar, classificada em 1974 como Imóvel de Interesse Público, foi destruída pelo mar, devido à erosão costeira e à ação humana, no início dos anos 80³⁷.

Falar de Quarteira implica obrigatoriamente referir a sua magnífica praia, com 3 km de extensão, que todos os anos atrai milhares de veraneantes. Com origem numa pequena aldeia de pescadores, esta atividade tornou-se numa indústria com profundo significado económico e turístico no município. Artur Pastor vinca bem esta importância, ao referir que Quarteira além de uma praia de banhos magnífica, intensamente frequentada na época estival, é também uma das mais pictóricas e típicas vilas de pescadores (...) Apetrechos de pesca, remos e barcos, vasto estendal de aparelhos e redes,

34. PASTOR, Artur – *Ibidem*. p. 102.

35. Veja-se SANTOS, Maria Affonso dos – *Subsídios para o estudo da arqueologia romana do Algarve*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1969. Tese de Licenciatura em História.

36. IDEM – *Ibidem*. p. 103.

37. Veja-se OLIVEIRA Sérgio – *Evolução recente da linha de costa no troço costeiro Forte Novo – Garrão (Algarve)*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2005. Dissertação de Mestrado em Ciências e Engenharia da Terra.

sugerem em cada recanto, em cada pátio, uma constante e corajosa exigência de mar. Na longa praia, numerosos pescadores dedicam-se às suas fainas, restauram barcos, aprestam-se ou partem. Uma multidão acobreada, afanosa, consagra-se aos mais variados misteres solicitados pela azáfama cruel e incerta do Oceano³⁸.

Este relato manifesta-se em 10 fotografias de Artur Pastor, que têm o mar e os pescadores como tema. Com exceção da intitulada *Alcatruz*, de 1998, a que nos referimos no ponto sobre Loulé, as restantes, com os códigos de referência PT/AMLSB/ART/009034, 009055, 009060, 009465, 009066, 009447, 009467, 009467 e 010487, estão datadas entre 1960 e 1965. Nestas, sobressai a que tem o título *Pescador, retrato*, pela capacidade de captar a expressividade, o âmago das pessoas que se dedicam a uma profissão tão exigente. Artur Pastor conseguiu retratar como poucos as facetas da pesca artesanal em Quarteira, como a preparação das velas, a colocação de uma quilha nova ou a manutenção da embarcação, por via da aplicação de alcatrão quente, no casco desta, a reparação das redes e, terminada a faina, o puxar dos barcos a remos do mar para o areal, nesta última, com o título *Puxando a embarcação*, como a seguir se demonstra.

Fig 4



Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Artur Pastor, PT/AMLSB/ART/009467

Excluindo duas fotografias, a primeira com o título *Anda burro*, de 1960-1965, com o código de referência PT/AMLSB/ART/009731, que remete para as amendoeiras em flor, e a segunda, a cores, designada *Instalações pecuárias*, detentora do código de referência PT/AMLSB/ART/030257, dos anos 80, as restantes 64 retratam a atividade turística em Quarteira, sobretudo em Vilamoura.

38. PASTOR, Artur – *Ibidem*. p. 102.

Começando por Quarteira, destacamos o registo *Praia de Quarteira, panorâmica*, dos anos 90, que possui o código de referência PT/AMLSB/ART/030142, por representar a forte atração que este local da costa exerce sobre os turistas, que todos os anos aqui ocorrem em massa, sobretudo no Verão. Igualmente emblemático, espelha o desordenamento turístico desta povoação, onde os prédios se alinham ao longo da extensa praia, separados pela marginal (avenida Infante de Sagres). Este cenário ganha expressividade na fotografia *Windsurf ao largo de Quarteira*, obtida a partir do mar, do mesmo período da anterior, com o código de referência PT/AMLSB/ART/030137.

Mas foi em Vilamoura, como referido, com 64 imagens a cores, cujos códigos de referência, por economia de espaço, nos abstemos de indicar, que a fotografia de Artur Pastor mais se deteve no concelho de Loulé. Esta atração é compreensível, considerando que em Vilamoura encontra-se um dos maiores complexos turísticos privados da Europa, cuja construção começou em 1965, com uma área de cerca de 1600 hectares³⁹. Neste empreendimento o foco do fotógrafo reparte-se por dois grandes conjuntos, que se complementam. Por um lado, as diferentes tipologias de empreendimentos turísticos, e, por outro, a Marina de Vilamoura.

Em relação a esta, a primeira a ser construída em Portugal e a maior do país, com atividade iniciada em 1974, encontram-se disponíveis 18 registos no sítio web do AML | Fotográfico, todos dos anos 80, representando as embarcações de recreio e de pesca, as ruas, os prédios e as esplanadas.

No que concerne aos empreendimentos turísticos de Vilamoura, este serviço de informação comunica 30 fotografias, dos anos 80 e 90, que reproduzem, entre as que são passíveis de identificar, os aldeamentos turísticos Aldeia do Mar e Aldeia do Golfe, a estabelecimentos hoteleiros de grande dimensão, como o Crowne Plaza Vilamoura, à época designado Atlantis, quase em plena praia de Vilamoura, a outros com menor número de camas, como a Estalagem da Cegonha, uma antiga mansão senhorial do século XVII.

Neste grupo, do mesmo período, também se encontram registos nas e ao largo das praias de Vilamoura, sublinhando a importância dos desportos náuticos, como a vela ou windsurf. Esta dinâmica concretiza, afinal, o que Artur Pastor escrevera em 1965, na obra *Algarve*, em que deu grande relevo à necessidade de desenvolver o potencial turístico desta região, o que se veio a verificar, em larga escala, na década de 80.

Concluímos a análise das fotografias do município de Loulé, com o registo *Quarteira*, de abril de 1998, que tem o código de referência PT/AMLSB/FRF/000034. Este registo, da autoria de Luís Fradinho (1965-), integra-se no projeto *Rumo ao Sul*, exposição que esteve patente no AML | Fotográfico, de que era colaborador, entre 7 de abril e 7 de maio de 1998.

Luísa Costa Dias, à época coordenadora deste arquivo, responsável pelo prefácio do respetivo catálogo, apresenta a motivação da iniciativa: *Durante 3 anos Luís Fradinho rumou em direcção ao sul, sem um percurso traçado no mapa, partindo por tempo indeterminado, com a máquina otográfica e muitos rolos na bagagem. Atraía-o a paixão pelos grandes espaços, a aridez progressiva da paisagem e a presença obsessiva do calor que despe o homem de pensamentos num lento esvaziar da alma. (...) Partiu então com frequência, acompanhado de memórias indeléveis: a descoberta do prazer de fotografar, a inocência e a disponibilidade infinita do olhar dos primeiros disparos. (...) A máquina fotográfica é o guia e testemunha desta viagem, onde o percurso não é estabelecido por nenhuma ordem cronológica ou espacial mas pela gradual*

39. RELVAS, Denise – *A cidade dos outros. O caso de Quarteira*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2010. Dissertação de Mestrado em Cidades e Culturas Urbanas. p. 44.

depuração dos elementos paisagísticos, em prol da presença do horizonte e do abismo que se estende para além dele⁴⁰.

Passados 20 anos desde a sua realização, quisemos saber pelo próprio autor o impulso genérico da sua proposta, o que foi possível numa conversa a 18 de dezembro de 2018: *A ideia do Rumo ao Sul é rumar a um zero absoluto, a um alargamento das perspetivas e da nossa visão, passando do enquadramento de linhas essencialmente verticais a horizontes mais depurados de elementos.*

O resultado desta abordagem é uma linguagem fotográfica contemporânea, totalmente distinta das interpretações constantes deste texto, quer no conteúdo, quer ao nível da forma. Nesta, apresenta dois fotogramas, que técnica e historicamente remetem para o início da fotografia, de que resulta uma ilusão de continuidade e cinesia aos observadores, reforçada pela impossibilidade de identificar o local. No que tange ao conteúdo, o primeiro fotograma revela uma duna, com uma árvore, em cuja inclinação da copa é visível a ação do vento, e vegetação rasteira, em frente ao mar. O segundo fotograma mostra duas a três pessoas, junto à aludida vegetação.

Finalizado este ponto, sentimos que *deixa-se Quarteira com a agradável sensação de se terem presenciado fainas, tipos e costumes de acentuado sabor regional, enquadrados num casario dos mais genuínos da província, de características essencialmente marítimas, onde se misturam pátios e quintais, recantos e becos, chaminés e telhados, jardins interiores, numa profusão arquitectónica simultaneamente simples e rica⁴¹.*

4. Considerações finais

A FCG – BAA e, particularmente, o AML, disponibilizam nos seus sítios *web* um acervo fotográfico de grande relevância para compreender a evolução do município de Loulé, no período compreendido entre 1943-1998, no que respeita à sua geografia e património cultural (imaterial, móvel e imóvel), que urge preservar e valorizar.

Da variedade das paisagens, da costa ao barrocal, da serra às zonas agrícolas, das falésias ao mar, assim como dos seus habitantes e atividades económicas, onde - a par da pesca artesanal e da agricultura de pequena dimensão - o turismo assume amplo destaque, mas também das tradições e expressões artísticas, da arquitetura, monumentos e sítios, tudo isto se encontra retratado neste espólio.

Os elementos comunicados chamam a atenção para a importância dos estudos de história local considerarem não somente as fontes disponíveis nos respetivos arquivos, bibliotecas e museus, devendo ser enriquecidos com as que se encontram noutros serviços de informação. No mesmo sentido, realça a primazia da informação estar desmaterializada e acessível à distância, com vantagens indiscutíveis para a sua preservação e comunicação.

40. FRADINHO, Luís – *Rumo ao Sul*, Lisboa: Câmara Municipal, 1998. [S.p.].

41. PASTOR, Artur – *Ibidem*. p. 102.

BIBLIOGRAFIA

BÁRTOLO, Carlos – *Arquitectura e equipamento do Modernismo ao Estado Novo: as estações de Correio do Plano Geral de Edificações: 1937-1952*. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 1998.

BATISTA, Paulo – A memória fotográfica de São Brás de Alportel no Arquivo Municipal de Lisboa e na Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte. In *Atas das comunicações do II Encontro BAD ao Sul: a criar e educar comunidades*, Delegação Sul da APBAD, São Brás de Alportel, 10 de novembro de 2017, p. 1-6.

BATISTA, Patrícia Santos – *Mercados Públicos – Motores de Desenvolvimento Local: O Mercado Municipal de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal, 1993.

BLAUFUKS, Daniel [et al.] – *Lisboa, Pena Capital*. Lisboa: Galeria Alda Cortez, 1993.

CACHOLA, Maria [et al.] – Mário Novais. Exposição do Mundo Português (1940). In *Mário Novais. Exposição do Mundo Português (1940)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p. 17-32.

DIAS, Pedro – *A arquitectura gótica portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

FERNANDES, José Manuel; JANEIRO, Ana – *A Casa Popular do Algarve. Espaço Rural e Urbano, Evolução e Actualidade*. Lisboa: CCDR Algarve, 2008.

FRADINHO, Luís – *Rumo ao Sul*. Lisboa: Câmara Municipal, 1998.

MECO, José – BERNARDES, Policarpo de Oliveira. In *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Presença, 1989.

PASTOR, Artur – *Algarve*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1965.

RELVAS, Denise – *A cidade dos outros. O caso de Quarteira*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2010. Dissertação de Mestrado em Cidades e Culturas Urbanas.

SERRÃO, Vítor – Entre Robert Chester Smith e Flávio Gonçalves, um percurso pelo barroco luso-brasileiro. In *Robert Chester Smith (1912-1975): A investigação na História da Arte*. Lisboa: FCG, 2000.

IDEM – João Miguel dos Santos Simões, colecionador de interesses e saberes: a História da Arte e a reabilitação integral da arte do Azulejo. In *Rede de Investigação em Azulejo*. Lisboa: ARTIS - Instituto de História da Arte - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010. p. 1-3.

VARELA, Henrique [et al.] – A Igreja Martiz de Loulé: um templo pré-gótico ou uma mistura de vários estilos? *Al-'Ulyà. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*. Loulé: Câmara Municipal, 1993. N° 2, p. 155-189.